

Universidade do Vale do Paraíba
Comunicação Social – FCSAC – Jornalismo

A rotina de uma árbitra de futebol profissional.

Édilar Ferreira
Felipe de Sousa Ribeiro

São José dos Campos, SP
2012

Édilar Ferreira
Felipe de Sousa Ribeiro

A rotina de uma árbitra de futebol profissional.

Relatório Final apresentado como parte das exigências da disciplina do Trabalho de Graduação à Banca Avaliadora do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Social da Universidade do Vale do Paraíba

Orientador: Profº Me. Celso Meneguetti

São José dos Campos, SP

2012

Resumo

Este trabalho tem como objetivo mostrar a rotina de uma árbitra de futebol profissional. Treinamento, dedicação, disciplina e a luta contra o preconceito são desafios para obter sucesso na carreira profissional. Esta pesquisa mostra a forma com a qual as árbitras de futebol se preparam para uma partida, seja ela profissional ou amadora. Como embasamento teórico foram utilizados livros que discorrem sobre a história do futebol, metodologia e a modalidade proposta. Com o intuito de expor as dificuldades encontradas por mulheres que atuam no campo de jogo, constatou-se que a maioria persiste porque tem o objetivo de alcançar o ápice e fazer história na arbitragem.

PALAVRAS-CHAVE: Árbitras; Futebol; preconceito, (reportagem)

Abstract

This work aims to show the routine of a professional football referee. Training, dedication, discipline and fighting prejudice are challenges for successful careers. This research shows the way in which the football referees prepare for a game, whether professional or amateur. As a theoretical basis were used books who talk about football history, methodology and proposal modality. In order to expose the difficulties faced by women working in the field of play, it was found that the majority persists because it aims to reach the summit and make history in the arbitration.

KEYWORDS: referees, Football, prejudice, (interview)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. Capítulo 1. FUTEBOL E A SUA ARBITRAGEM.....	7
1.1 A história do futebol e o surgimento da arbitragem.....	7
1.2 A autoridade da arbitragem no futebol.....	11
1.3 As primeiras árbitras no futebol brasileiro.....	14
1.4 Arbitragem feminina: Ainda existe preconceito?.....	17
2. Capítulo 2. MODALIDADE.....	20
2.1 Reportagem: Definição e gêneros.....	20
2.2 A Grande Reportagem: Técnica e Ética.....	23
2.3 A Importância da Televisão.....	25
3. Capítulo 3. METODOLOGIA.....	28
4. Capítulo 4. PRODUÇÃO E EDIÇÃO.....	31
Considerações Finais.....	35
Referências Bibliográficas.....	36
ANEXOS.....	38

Introdução

O objetivo dessa pesquisa é descobrir a rotina de uma árbitra de futebol profissional dentro e fora do campo de jogo. A questão de a mulher ter dificuldades para alcançar o auge da carreira motivou a busca de explicações e o desenvolvimento de uma pesquisa mais detalhada sobre mulheres que tiveram a coragem de enfrentar obstáculos no início da carreira. Tendo como precursoras árbritras como Léa Campos; Cláudia de Vasconcellos Guedes; Silvia Regina de Oliveira entre tantas outras que ficaram pelo caminho, provoca dezenas de perguntas sobre as causas de tantas desistências.

Treinamento, dedicação, disciplina e a luta contra o preconceito são desafios para obter sucesso na carreira profissional. Desde a sua criação, o futebol era jogado, dirigido e discutido apenas por homens. Com as mudanças vieram à abertura para o futebol feminino e a arbitragem feminina com certa rejeição tanto para o meio desse esporte quanto pela a sociedade que ainda passa por um processo de aceitação. A mulher ainda é vista por parte dos telespectadores como sexo frágil e incapaz de passar por grandes emoções.

Hoje as mulheres apenas lutam por mais oportunidades, reconhecimento do trabalho e apoio da mídia. O espaço dentro das quatro linhas já pode ser considerado uma grande conquista.

Percebe-se que na história do futebol que teve origem através do rugby, esporte que agradou os britânicos, principalmente entre os mais sádicos porque era muito violenta, a presença feminina foi pouco marcante. Para que deixasse de ser um esporte tão violento, em 1846 representantes de seis universidades (Cambridge, Eaton, Oxford, Harrow, Westminster e Winchester) se reuniram e definiram o novo esporte em 14 regras básicas e determinaram o número de 11 jogadores para cada equipe, os quais não podiam mais tocar na bola com as mãos. Com essa definição, o “rugby” separou-se em definitivo e criou sua própria associação, enquanto o novo esporte passava a se chamar “foot-ball”.

Mesmo depois da criação do futebol, no Brasil, a mulher surgiu na década de 60 com Léa Campos, que encontrou muitas dificuldades pela frente. Por três anos ela precisou apelar ao então presidente da República, submeter-se a exames e testes para provar que, apesar de ser mulher, tinha condições físicas para exercer

a profissão.

Neste trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica, através da qual foi realizada a busca a partir de referências bibliográficas. Também foi utilizada a entrevista semiaberta com questões semiestruturadas e previamente definidas, nas quais o objetivo foi a figura do entrevistado, relacionando aspectos de sua vida ou da atividade desenvolvida por ele. E a reportagem perfil que procurou evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo torna-se de interesse.

Por fim, para comprovar as dificuldades que mulheres enfrentam para exercer a profissão, mostrou-se através de uma grande reportagem audiovisual a preparação de uma árbitra de futebol profissional antes, durante e depois de uma partida de futebol para responder possíveis questionamentos decorrentes dessa pesquisa.

Capítulo 1. FUTEBOL E A SUA ARBITRAGEM

1.1 A história do futebol e o surgimento da arbitragem

Segundo Rubens Ribeiro (s/ano), na China, documentos do século III a. C. relata festividades de aniversários de imperadores chineses, que eram comemorados com a disputa de um jogo chamado “tsu-chu”, num campo especialmente montado em frente ao palácio imperial. Esse campo era limitado por dois pares de postes de bambu fincados paralelamente no chão e que sustentavam uma tela de seda. Ao centro dela havia uma abertura de aproximadamente 3 cm. A finalidade do jogo era fazer a “chu” (bola) passar por este furo na tela adversária.

Por ocasião da conquista da América, espanhóis registraram a disputa de um jogo de bola, praticados por astecas. A bola podia ser tocada por qualquer parte do corpo e tinha de ser arremessada ao outro jogador. Perdia o jogo quem a deixasse cair no chão. Era um jogo cruel, pois a derrota tinha de ser paga com a vida. O perdedor era oferecido em sacrifício aos deuses. Com a expansão do Império Romano, o “harpastum” foi levado para a Grã-Bretanha e França, além da própria Itália. Conta uma lenda que na Grã-Bretanha teria ocorrido um jogo cuja bola fora o crânio de um soldado romano morto em combate. E o jogo com a bola foi disseminado nem sempre com o objetivo definido e, na maioria das vezes, transformando-se em desordenadas correrias até que em Florença, na Itália, surgiu o “cálcio” e com ele as primeiras tentativas de regulamentação, com medidas do campo (137x50m), altura dos postes (1m17) e número de jogadores por equipe (27).

O jogo era dirigido por oito árbitros que ficavam instalados em tribunas dispostas em várias zonas do campo e o seu objetivo era o de uma equipe levar a bola para o reduto da outra.

Segundo Rubens na França surgiu o “soule” bem parecido com o “cálcio” e que, como este, permitia o uso das mãos para a condução da bola. Esse jogo era um acontecimento festivo para os povos de duas cidades, pois o seu objetivo era levar a bola da praça de uma delas para a praça da outra e a equipe que

chegasse primeiro era a vencedora. Quando o “soule” foi levado para a Grã-Bretanha, sofreu algumas mudanças das quais originou o “rugby”.

Este novo esporte caiu no agrado dos britânicos, principalmente entre os mais sádicos, porque era muito violento e um irrecusável convite para homens briguentos e pervertidos. Na trajetória percorrida pelas equipes iam ficando as vítimas, algumas com ferimentos graves e outras até mortas. Essa violência desmedida fez com que o rei Eduardo II baixasse um édito, proibindo-o em todo o território nacional, sendo liberado somente em 1681 devido à influência do conde Albermale.

Entusiasmado com o “cálcio florentino”, o conde modificou suas regras, tornando-o um esporte menos violento. Na reforma, Albermale determinou de “goal” o espaço entre as traves. Foi nesse estágio que, das ruas, passou para as universidades. E aí surgiu um impasse: foram tantas as escolas que o adotaram, que uma partida entre eles se tornou difícil, porque cada uma adotava suas próprias regras.

O problema persistiu até 1846, quando representantes de seis universidades (Cambridge, Eaton, Oxford, Harrow, Westminster e Winchester) se reuniram e definiram o novo esporte em 14 regras básicas e determinaram o número de 11 jogadores para cada equipe, os quais não podiam mais tocar na bola com as mãos. Com essa definição, o “rugby” separou-se em definitivo e criou sua própria associação, enquanto o novo esporte passava a se chamar “foot-ball”.

Fundava-se também a sua entidade, a Liga Inglesa de foot-Ball, no dia 26 de outubro de 1863, em reunião efetuada na Freemason’s Tavern, em Londres. Anos depois, ocorreram pequenas mudanças, como a criação do pênalti, que levou à demarcação obrigatória da área, além das dimensões dos gols, das traves, da bola etc., tais como conhecemos nos dias de hoje. Desse resumido histórico concluído que a origem do futebol foi o “soule”, que, por sua vez, foi filho do “harpastum”.

De acordo com Rubens Ribeiro em São Paulo, antes da vinda de Charles Miller com as bolas e regulamento do futebol, havia um jogo que recebeu os dois nomes: “jogo da bola” e “jogo da rua”. Ambos foram proscritos pela Câmara Municipal, o da bola em 1746 e o da rua em 1815, como “causador de agrupamento de vadios e de desordens”. A segunda proscrição teve de ser

revista depois que os legisladores encontraram uma rua disponível, onde se prestou homenagem a Benjamin Constant, que se tornou padrinho e placa da velha “Rua da Bola”. Este fato lançou uma dúvida que inquieta os pesquisadores do futebol no Brasil, uma vez que, como futebol, todos aceitam que tenham nascido no dia 4 de abril de 1895, na Várzea do Gasômetro, em São Paulo.

Segundo os professores Alberto Inácio, Ciro Romelio e Edgardo Romero (2002)

Os grandes investimentos históricos-científicos no futebol eram quase que restritos às regras, federações e jogadores, mas, com o passar do tempo, verificou-se que existe uma pessoa que faz parte deste círculo e, que passa, muitas vezes, despercebida no futebol, mas que é tão antiga como este esporte. Esta pessoa é o árbitro. (SILVA, RODRIGUEZ, FROMETA, 2002, p.39)

O árbitro é tão importante para o futebol, que sem ele não pode acontecer uma partida (INTERNACIONAL FOOTBALL ASSOCIATION BOARD, 1999 apud SILVA, RODRIGUEZ, FROMETA, 2002). Na realidade, para uma partida ser conduzida com eficiência, deverão estar presentes no campo de jogo no mínimo três árbitros, um atuará como árbitro principal (apitando a partida) e os outros dois atuarão como árbitros assistentes, conhecidos popularmente como bandeirinhas. Por muito tempo, o árbitro de futebol foi considerado uma figura secundária no futebol. Com o passar dos anos, observou-se que o árbitro é a pessoa que realmente pode decidir uma partida.

Almeida (s/ano apud SILVA, RODRIGUEZ, FROMETA, 2002, p.40) afirma que os primeiros árbitros de futebol utilizavam perfeitas calças vincadas e jaquetas, e corriam pelos campos parando o jogo a gritos quando achavam que teria sido cometida uma falta. No início, o árbitro não utilizava apito, ele apenas gritava para que os jogadores parassem quando entendia ter sido cometida uma falta.

No Brasil, de acordo com Almeida (s/ano apud SILVA, RODRIGUEZ, FROMETA, 2002, p.42), a figura do árbitro surgiu junto com o futebol, trazido da Inglaterra por Charles Miller em 1895. No começo o árbitro era amador, comportava-se no mesmo nível dos jogadores. Para apitar uma partida, era escolhida uma pessoa momentos antes de iniciá-la, a qual nada recebia pelo seu trabalho. As pessoas escolhidas eram extremamente corretas, até que percebiam ser apaixonadas por

uma das equipes, como qualquer mortal. Já que a função de árbitro podia ser exercida por qualquer pessoa, na maioria das vezes eram por ex-jogadores de futebol, em outras, por pessoas com muita influência ou prestígio na cidade onde seria realizada a partida.

[...] certo dia em Mossoró, uma mulher, Dona Celina Guimarães Viana, apitou um jogo em uma praça. Corria vestida com uma saia, souou e fez miséria, inclusive marcando um pênalti para cada equipe. (Walter Wanderley apud LIMA, 1982 apud SILVA, RODRIGUEZ, FROMETA, 2002, p.42,)

Faria (s/ano apud SILVA, RODRIGUEZ, FROMETA, 2002, p.42) acredita que um bom árbitro precisa reunir qualidades que normalmente não são exigidas dos comuns mortais para cargos bem mais remunerados. Serenidade, equilíbrio, profundo conhecimento das regras, bom senso, rapidez de raciocínio e um bom preparo físico são algumas das exigências para a sua função.

1.2. A autoridade da arbitragem no futebol

Segundo o Edital (nº. 001/2010) publicado pela Escola de Árbitros Flávio Iazzetti, antes de ser árbitro de futebol profissional, o candidato deve passar por uma pré-seleção que se divide em três etapas, nas quais são feitas avaliações teórica, psicológica e documental. Aprovado, iniciará o curso de três módulos divididos em seis meses cada um, onde no final iniciará os trabalhos práticos através de um estágio. Se obtiver êxito nessa etapa, passará a exercer a função escolhida para seguir carreira no futebol profissional.

Poderes e Deveres:

- Fará cumprir as regras do jogo;
- Controlará a partida em cooperação com os árbitros assistentes e, quando possível, com o quarto árbitro;
- Assegurará que as bolas utilizadas atendam as exigências da regra 2;
- Assegurará que o equipamento dos jogadores atendam as exigências da regra 4;
- Atuará como cronometrista e tomará nota dos incidentes na partida;
- Paralisará, suspenderá ou encerrará a partida, a seu critério, em caso de infração às regras do jogo;
- Paralisará, suspenderá ou encerrará a partida por qualquer tipo de interferência externa;
- Paralisará a partida se, na sua opinião, um jogador tenha sofrido uma lesão grave e assegurará o transporte para fora do campo de jogo; um jogador lesionado somente poderá retornar ao campo de depois que a partida tiver sido reiniciada;
- Permitirá que o jogo continue até que a bola esteja fora de jogo se, em sua opinião, um jogador estiver levemente lesionado;
- Assegurará que todo jogador com sangramento saia do campo de jogo; o jogador somente poderá retornar depois do sinal do árbitro, que deve estar certo de que o sangramento parou;

- Permitirá que o jogo continue, se a equipe que sofreu uma infração se beneficiar de uma vantagem, e punirá a infração cometida inicialmente se a vantagem prevista não se concretizar naquele momento;
- Punirá a infração mais grave quando um jogador cometer mais de uma infração ao mesmo tempo;
- Tomará medidas disciplinares contra jogadores que cometerem infrações puníveis com advertência ou expulsão; não será obrigado a tomar essas medidas imediatamente, porém deverá fazê-lo assim que a bola estiver fora de jogo;
- Tomará medidas contra os funcionários oficiais das equipes que não se comportarem de maneira correta e poderá, a seu critério, expulsá-los do campo de jogo e de seus arredores;
- Atuará conforme as indicações de seus árbitros assistentes em relação a incidentes que não pôde observar;
- Não permitirá que as pessoas não autorizadas entrem no campo de jogo
- Determinará reinício do jogo depois de uma paralisação;
- Enviará às autoridades um relatório sobre a partida, com informação sobre todas as medidas disciplinares tomadas contra jogadores e/ou funcionários oficiais das equipes e sobre qualquer outro incidente que tiver ocorrido antes, durante e depois da partida.

Decisões do árbitro

As decisões do árbitro sobre fatos relacionados ao jogo, incluído o fato de um gol ter sido marcado ou não e o resultado da partida são definitivas.

O árbitro somente poderá modificar uma decisão se perceber que é incorreta ou, a seu critério, conforme uma indicação de um árbitro assistente ou quarto árbitro, sempre que ainda não tiver reiniciado o jogo ou terminado a partida.

Os árbitros assistentes

Deveres

Serão designados dois árbitros assistentes que terão, sempre submetidos à decisão do árbitro, o dever de indicar:

- Quando a bola sair completamente do campo de jogo;

- A que equipe pertence o arremesso lateral ou se é tiro de canto ou de meta;
- Quando deverá ser punido um jogador por estar em posição de impedimento;
- Quando for solicitada uma substituição;
- Quando ocorrer alguma infração ou outro incidente fora do campo visual do árbitro;
- Quando forem cometidas infrações que possam ver melhor do que o árbitro (isso inclui, em certas circunstâncias, infrações cometidas dentro da área penal);
- Quando nos tiros penais, o goleiro se adiantar além da linha de meta antes de a bola ser chutada e se a bola ultrapassar a linha de meta.

Assistência

Os árbitros assistentes também ajudarão o árbitro a dirigir o jogo conforme as regras.

Particularmente, poderão entrar o campo de jogo para ajudar a controlar que se respeite a distância de 9,15m.

Em caso de intervenção indevida ou conduta inapropriada de um árbitro assistente, o árbitro prescindirá de seus serviços e elaborará um relatório às autoridades competentes.

1.3 As primeiras árbitras no futebol brasileiro

Mulher e futebol eram considerados incompatíveis diante dos olhares preconceituosos e machistas dos homens, principalmente aqueles que comandavam o futebol desde a sua existência. Apitar ou bandeirar um jogo era trabalho de homem. O futebol é viril, com o uso excessivo da força física e talvez seja por isso que a mulher ainda não tenha um espaço totalmente conquistado.

Mas mesmo com tantas dificuldades e inúmeras barreiras, elas se arriscam para buscar o espaço desejado, muitas vezes abdicam até mesmo das pessoas mais próximas para irem em busca do sonho. E não foi diferente com as primeiras mulheres que enfrentaram o machismo da época mais difícil. Tiveram a coragem de dar o pontapé inicial e abrir as portas para que outras também seguissem o mesmo caminho.

Léa Campos - a primeira árbitra de futebol do mundo

Nascida em 1945, em Belo Horizonte-MG, formada em Educação Física pela Universidade de Brasília, Asaléa de Campos, se apaixonou por futebol quando estava ainda na escola secundária, tornando-se centroavante de um time de meninas. Mas ela não era nem de perto o estereótipo da mulher masculinizada. Foi Miss Belo Horizonte e dos Ex-combatentes. Depois, tornou-se jornalista esportiva nas rádios mineiras e relações públicas do Cruzeiro.

Sua carreira de árbitro começou em 1967, quando passou oito meses na Escola de Árbitros do Departamento de Futebol Amador da Federação Mineira de Futebol. Em 1971, teve o diploma reconhecido pela FIFA. Léa encontrou muitas dificuldades pela frente até conseguir esse feito. Por três anos precisou apelar ao então presidente da República, submeter-se a exames e testes para provar que, apesar de ser mulher, tinha condições físicas para exercer a profissão.

Com o diploma em mãos, Léa apitou jogos em gramados de quase todos os estados brasileiros. Só em São Paulo encontrou oposição. A Federação Paulista considerava ilegal uma mulher exercer a função de juiz de futebol.

Apesar disso, ela foi conquistando cada vez mais espaço, e foi selecionada para a Copa Mundial de Futebol Feminino no México, representando o Brasil

como árbitra. E seguiu uma brilhante carreira, apitando partidas na Europa e nas Américas do Norte, Sul e Central. Tudo isso sem receber uma reclamação por suas arbitragens. Teve que se afastar do futebol por problema nos joelhos. Mas não se afastou dos esportes, entrou para a luta livre e ainda virou lutadora de boxe, formada pela Federação Mineira de Pugilismo.

Atualmente, Léa mora nos EUA e é cronista esportiva dos jornais "Gol Internacional" e "Noticiero Colombiano".

Cláudia de Vasconcellos Guedes

Em 1995, foi a única árbitra de futebol da América do Sul convocada para os Jogos Olímpicos de Atlanta. E, quatro anos antes, entrou para a história como a primeira mulher a apitar um jogo numa competição da FIFA, o Mundial de Futebol Feminino, na China.

Silvia Regina de Oliveira

Silvia Regina de Oliveira foi árbitra do quadro da Federação Paulista de Futebol. Começou a atuar em 1980, quando realizou um curso na liga de Futebol de Mauá. Dois anos depois, apitou sua primeira partida.

Ainda na década de 1980, fez o curso de formação de novos árbitros da Federação Paulista de Futebol. Em 1997, passou a integrar o quadro de árbitros oficiais de São Paulo. No entanto, apenas em 2002 passou a dirigir partidas profissionais de homens. Em 2007, abandonou o apito aos 42 anos. Na ocasião, afirmou que havia chegado seu limite de idade.

Silvia Regina, credenciada na FIFA, é a única mulher classificada na categoria A "ouro" de árbitros da Federação Paulista, sendo uma das mulheres que mais arbitrou partidas da série "B" do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino 2005, ao lado da carioca Martha Peçanha Vasconcelos, também credenciada pela FIFA, que foi considerada a árbitra feminina que mais atuou na série "A" do Campeonato Brasileiro de 2005 e na série "B" do Campeonato Brasileiro de 2011, juntamente com a sua atuação na Copa do Brasil.

De acordo com Marcelo Rozenberg por ser mulher, sempre foi contestada por jogadores e treinadores. Algumas manifestações, por sinal, foram avaliadas por

alguns como preconceituosas, como a do técnico Tite, que certa vez afirmou que Silvia não tinha preparo físico adequado para acompanhar “in loco” uma partida.

1.4 Arbitragem feminina: Ainda existe preconceito?

Os professores Fábio Pinto e Ivan Eduardo declararam em 2007 no artigo *“Mulher, futebol e arbitragem: um espaço de conquista, tensão e resistência”* da Revista Digital de Buenos Aires, que as tradições machistas, que sempre limitaram a participação das mulheres nos diferentes esportes, não conseguiram impedir suas ações, uma vez que as normas e preconceitos foram sendo derrubados por inúmeras delas ao longo destes anos. A evolução é silenciosa, no qual o esporte moderno, aos poucos, vem abrindo espaço não apenas para os homens, mas também para as mulheres em todos os níveis, sejam como atletas e como integrantes das equipes de arbitragem no futebol brasileiro.

Fábio Franzini, em seu artigo *“Futebol é ‘coisa para macho’? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”*, publicado na Revista Brasileira de História em 2005, diz que é notório que o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino; como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sócio-cultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que devem ser observados para a perfeita manutenção da ‘ordem’ ou da ‘lógica’, que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada.

Em nosso contexto, sabemos bem quais as respostas produzidas. A virilidade virtuosa do esporte é frequentemente ressaltada pela sentença “futebol é coisa para macho” (ou em uma versão pouco menos rude, “coisa para homem”) bem como em tiradas jocosas reveladoras de vivo preconceito. (FRANZINI, 2005, p.316)

A participação da mulher no futebol brasileiro vem ultrapassando barreiras. Engana-se que a mulher é vista apenas como atleta, as árbitras, que ao longo destes anos, demonstraram que são capazes de atuar dentro de um campo de jogo, sendo tão qualificadas quanto qualquer outra pessoa que atue na arbitragem do futebol profissional. No futsal, podemos encontrar uma quantidade maior de mulheres arbitrando pelas suas Federações Estaduais, quando se comparado às árbitras que atuam no futebol de campo. Estas mulheres que atuam no futsal são árbitras e anotadoras/cronometristas que trabalham em jogos femininos ou masculinos de competições de grande importância nacional.

As árbitras e assistentes de futebol de campo também atuam em campeonatos femininos ou masculinos, em diversas divisões, de acordo com a escala montada por suas Federações. O número destas profissionais é um pouco inferior quando se comparada com as árbitras de futsal, porém as árbitras de futebol de campo conseguem atuar mais em competições masculinas importantes, como por exemplo, o Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil e a Copa Sul-Americana. Só em 2007, 10% das pessoas inscritas no curso de arbitragem da Federação Paulista de Futebol eram mulheres, ou seja, das 400 pessoas inscritas, 40 eram mulheres, número que vem crescendo ao longo dos anos, graças à atuação brilhante de algumas profissionais.

Encontramos também mulheres atuando como árbitras assistentes, ou “bandeirinhas”, como Cleidy Mary Nunes Ribeiro, Marlei Silva, Ticiane Martins e Ana Paula da Silva Oliveira, ambas credenciadas na época em suas respectivas Federações, reconhecidas pela FIFA. Devido à união de árbitras e assistentes, Fábio Pinto e Ivan Eduardo relembram a formação de um trio de arbitragem feminino que, no dia 30 de junho de 2003, atuou pela 1ª vez na história em uma partida de futebol masculino na série A do Brasileirão, onde das 46 rodadas em que se desenvolveu o campeonato, em pelo menos 8 delas houve a atuação do trio composto por Silvia Regina de Oliveira, Ana Paula da Silva Oliveira e Aline Lambert.

A atuação deste trio repercutiu nos mais variados âmbitos da mídia, sendo ela esportiva ou não: entrevistas, matérias jornalísticas, reportagens, entre outros. Em alguns jornais encontramos uma tendência a ridicularização da figura feminina no exercício da função de árbitra, como pode ser observado nos trechos a seguir:

A beleza no futebol: um trio feminino vai abrilhantar o jogo Atlético-MG X Criciúma, hoje, no Independência. É bom, afinal, veremos uma plasticidade diferente da habitual, onde a lisura das pernas femininas se mistura as cabeludas e musculosas coxas. (Diário Catarinense, 01/11/03)

O melhor da partida não foi Rico nem Ricardinho e sim o trio de arbitragem feminino. (O Estado de São Paulo, 30/06/03).

Para ajudar, além da concentração no jogo, em primeiro lugar, elas não dispensam a nécessaire: batom, esmalte, brinco, perfume e

espelho. (Folha de São Paulo, 29/06/03) (*apud* BOSCHILIA, MEURER e CAPRARO, 2005, p.05).

Capítulo 2. MODALIDADE

2.1 Reportagem: Definição e gêneros

A reportagem tem como característica promover uma abordagem mais ampla do assunto para o leitor ou telespectador. Segundo Edvaldo Pereira Lima (2004) para atender a necessidade de ampliar os fatos, de colocar para o receptor a compreensão de maior alcance, é que o jornalismo acabou por desenvolver a modalidade de mensagem jornalística batizada de reportagem.

A definição de reportagem, na maioria das vezes, é feita a partir da comparação com a notícia. Porém, a reportagem difere da notícia por apresentar uma percepção mais apurada da realidade. Esse gênero jornalístico permite ao profissional sair a campo e realizar as investigações que irão contribuir para a compreensão do tema escolhido.

De acordo com Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (apud LIMA, 2004) a reportagem de apresentar como características principais a “predominância da forma narrativa”, a “humanização do relato”, o “texto de natureza impressionista” e a “objetividade dos fatos narrados”.

Conforme o assunto ou o objeto em torno do qual gira a reportagem, algumas dessas características poderão aparecer com maior destaque. Mas será sempre necessário que a narrativa (ainda de que forma variada) esteja presente numa reportagem. Ou não será reportagem (SODRÉ e FERRARI apud LIMA, 2004, p.25)

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari apontam também três modelos de reportagens. A reportagem de *fatos*, na qual volta-se ao relato objetivo de acontecimentos, que obedece na redação à forma da pirâmide invertida, onde os fatos são narrados em sucessão, pela ordem de importância. A reportagem de *ação* cuida do relato de uma maneira movimentada, começando sempre pelo fato mais atraente, para ir descendo aos poucos na exposição dos detalhes. De tal sorte que o leitor fica envolvido com a visualização das cenas, como num filme. Por último, a reportagem *documental*, cujo relato é acompanhado de citações que

complementam e esclarecem o assunto tratado, ao mesmo tempo em que se apoia em dados que lhe conferem fundamentação.

Em vez de apenas informar sobre determinado fato, a reportagem permite ao telespectador aprofundar e refletir sobre as causas e consequências que levaram tal situação. De acordo com Lima (2004), a informação permite à sociedade opções de escolha, interpretação, participações das decisões democráticas e construção de novos caminhos. Dessa maneira por meio da reportagem, o público pode obter respostas mais aprofundadas e interpretações mais completas. Assim, permitindo um conhecimento maior ao público, é possível que este se mobilize e tente modificar as questões sociais.

Outra característica que qualifica a reportagem é o processo de produção.

O processo de elaboração da reportagem é um processo diferente dos demais gêneros jornalísticos, por isso requer habilidades especiais do repórter como sensibilidade para captar fenômenos, capacidade investigativa e competência no manuseio da língua para a “transcrição” dos fatos (GUIRADO, 2004, p.12)

Além de uma boa elaboração do texto, para a realização da reportagem é necessário que “o repórter preste atenção a três condições importantes: contextualização, mapeamento do texto e identificação do tema” (LIMA, 2004, p.8).

Segundo MENDES (apud GUIRADO, 2004)

o bom texto é aquele que ajuda o leitor a pensar o fato, mas não conclui. O bom repórter dá os instrumentos necessários para o leitor concluir à sua maneira, porque jornalismo não é tese sociológica. Um exemplo mais próximo do texto jornalístico é um Boletim de Ocorrência de delegacia – todos os componentes do *lead* estão lá, o que distingue um escrivão de polícia de um profissional de imprensa é que o repórter vai procurar o porquê da morte, relatar as circunstâncias em que o fato ocorreu. (MENDES apud GUIRADO, 2004, p.95)

É importante observar que outro aspecto que difere a reportagem como um gênero além da notícia é a linguagem utilizada na elaboração do texto. “Considerando que a reportagem parte sempre de uma notícia (a qual nada mais é que uma reportagem em fase embrionária) e amplia o acontecimento

desdobrando-o em fatos interligados” (LIMA, 2004, p.24) é importante que a transcrição das informações extrapole o mero relato e alcance uma linguagem mais elaborada para tornar o texto mais envolvente.

a notícia, de modo geral, descreve o fato e, no máximo, seus feitos e consequências. A reportagem busca mais: partindo da própria notícia, desenvolve uma sequência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos. Abre o debate sobre o acontecimento, desdobra-o em seus aspectos mais importantes e divide-o [...]. A notícia não esgota o fato; a reportagem pretende fazê-lo. (MARTINS, Eduardo apud CRUZ NETO, João Elias, p.19, 2008)

2.2. A Grande Reportagem: Técnica e Ética

Diferente da reportagem e apresentando uma abordagem mais completa do fato que está sendo retratada, a grande reportagem tem maior amplitude de informações. Segundo LIMA (2004), a grande reportagem consiste na ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual.

A crítica à superficialidade e ao oportunismo extremado da cobertura jornalística é válida para o grosso do fenômeno. Mas não é válida se nós pensarmos no jornalismo como uma linha dinâmico-histórica que ultrapassa a etapa da superficialidade e do oportunismo, superando-a justamente pela linha de aprofundamento da notícia, realizada na grande-reportagem. (MEDINA apud LIMA, 2004, p.32)

Ainda segundo Cremilda Medina, o espaço nos meios jornalísticos impressos e eletrônicos vale muito em relação àquilo que subsidia a informação social, que é o espaço publicitário. É um argumento convincente, pois as empresas jornalísticas apertam ao máximo o espaço da informação social, afunilando-o, e quem sofre com este aperto, que pretende ser o mais sintético possível, é a grande-reportagem pendendo para a fórmula notícia.

Por outro lado, a notícia é também superficial, não respondendo às necessidades mais profundas da grande reportagem. Com essa conjuntura, a grande reportagem está cada vez mais relegada a uma ilha dentro do jornal diário, e mesmo no jornal semanal, nas revistas.

Além disso, é possível notar que a grande reportagem briga por espaços nobres na televisão. Um exemplo é o programa Profissão Repórter, apresentado pelo jornalista Caco Barcelos e jovens jornalistas, da emissora Globo, que tenta popularizar o gênero e oferecer ao público grandes relatos sobre temas de relevância social.

Durante o processo de elaboração de uma grande reportagem, é necessário percorrer etapas para que as informações sobre o tema abordado sejam colhidas e apuradas. Um diferencial pode ser observado já no planejamento para a execução de uma grande reportagem. A pauta não terá como objetivo responder

apenas perguntas do *lead*. Será uma pauta mais exigente, que busca fazer uma investigação aprofundada.

2.3. A Importância da Televisão

Segundo ARONCHI (2004) a televisão é um elemento importante na vida cotidiana, é um fluxo que tem presença determinante; ver televisão contribui para o modo como os indivíduos estruturam e organizam seu dia, com respeito às suas atividades cotidianas e ao tempo, à hora de dormir ou de trabalhar. Atualmente representa uma tecnologia insubstituível, podendo faltar algum eletrodoméstico, mas a televisão é indispensável.

[...] a televisão ocupa um papel excepcional, pela possibilidade que tem de cerca de capturar a consciência do público por todos os lados, aproximando-se daquela meta que Adorno define como “a totalidade do mundo sensível em uma imagem que alcança todos os órgãos, o sonho sem sonho” (MELO apud ARONCHI, 2004, p.23).

Em depoimento, o publicitário Mauro Salles (apud ARONCHI, 2004, p.24) diz sem desmerecer a contribuição do rádio e da imprensa, afirma que a televisão é a mídia mais importante, pois em menos de quatro décadas, o vídeo transformou a face do país modificando os hábitos diários do povo, revolucionando a política, impôs profundas alterações na cultura, estabeleceu parâmetros de comportamento, afetou a fala e inovou a língua dos brasileiros. Ainda ressalta, que na economia, a televisão como veículo publicitário, firmou-se como a mais atuante ferramenta de bens de serviços, imprimindo velocidade e eficiência à roda da produção e do consumo, criando novos estímulos e consagrando conceitos, imagens e marcas. De outra parte, a televisão se transformou na principal fonte de informação e notícia para as mais amplas camadas de espectadores de todos os níveis, todas as idades e de todas as classes deste país. A notícia, a reportagem, o discurso, o debate, o comentário televisivo invadiram as casas, os escritórios, as salas, os quartos, trazendo o mundo para perto de nós, de outra parte, levando-nos para mais perto do mundo.

A separação dos programas de televisão em categorias atende à necessidade de classificar os gêneros correspondentes. Em suma, qualquer que seja a categoria de um programa de televisão, ele deve sempre entreter e também informar. De acordo com ARONCHI (2004), existem três categorias que

abrangem a maioria dos gêneros: *entretenimento*, *informativo* e *educativo*. Uma quarta categoria, tratada na mesma pesquisa como “especiais”, causa controvérsia quanto ao significado na própria programação. Classificam na categoria “especiais” os programas religiosos, infantis, agrícolas, entre outros.

Há uma classificação informal para identificação dos objetivos dos programas que relacionam as características de entretenimento às de educativo, como sugere Arvind Singhal.

Nos últimos anos, em alguns países as emissoras perceberam que a televisão educativa e a de entretenimento não são necessariamente incompatíveis. Cada vez mais, os formatos de entretenimento, tais como seriados, clipes de música e programas de jogos, estão sendo utilizadas para transmitir à audiência mensagens educativas. Essa inovadora estratégia de mídia é denominada entretenimento-educação [...] (Arvind Singhal, ARONCHI, 2004, p.40)

Uma das propostas deste trabalho acadêmico, além da informação, é o entretenimento da grande reportagem, por isto a estrutura de produção e o formato dos programas do gênero esportivo influenciam diretamente a classificação da sua categoria, que tanto pode ser de entretenimento quanto de informação.

ARONCHI (2004) explica que as redes brasileiras montaram programas do gênero esportivo sobre a paixão nacional, o futebol. Com isso, há poucas variações na forma e no conteúdo das produções. Um dos formatos que também faz parte do folclore esportivo é o *debate*, que está presente em praticamente em todas as redes. O mais antigo programa de debate esportivo da Tv brasileira é o Mesa-redonda, da Gazeta.

De acordo com João Elias da Cruz Neto no Brasil, o esporte mais registrado é o futebol. As matérias mais regulares referem-se às novidades relacionadas aos times, filmagem de treinos, além de mostrarem a situação das equipes nos campeonatos.

CRUZ NETO (2008) ainda ressalta que os outros esportes que merecem mais destaque são os que têm atletas da localidade que se destacam. Por exemplo, em Sergipe havia uma ginasta vencedora de várias competições nacionais e até

internacionais, tendo participado até de uma olimpíada como integrante do grupo brasileiro de ginástica rítmica. Então, esse esporte passou a ser bem comentado, muito mais do que outros esportes, por causa dessa atleta.

O texto de uma matéria esportiva não pode ser formal, ao contrário deve ser mais leve. A matéria deve ser trabalhada de uma forma mais comportamental e emocional. A linguagem figurada deve ser bastante explorada. (CRUZ NETO, João Elias da. 2008, p.62)

A classificação de categoria e gêneros em televisão vem sempre acompanhada de um conceito com poucas referências científicas: trata-se do termo formato. No caso dos programas de televisão, a “forma” é a característica que ajuda a definir o gênero. Segundo ARONCHI, “A forma de uma coisa, portanto, diz tanto sobre suas possibilidades quanto sobre suas limitações”.

Um dos tipos de formatos, no caso deste trabalho acadêmico, utilizado principalmente no gênero telejornalismo é a reportagem podendo ser em curta duração ou duração maior. Utilizado em todas as categorias, os vários gêneros aplicam o formato reportagem em programas de auditório, de esportes, políticos, educativos e sempre tem lugar garantido nos programas da categoria informação. Em geral, o formato reportagem põe o repórter em evidência, narrando um assunto e fazendo entrevistas.

Capítulo 3. METODOLOGIA

Segundo Edvaldo Pereira Lima:

o jornalismo, como segmento da comunicação de massa, exerce a função aparente de informar, explicar e orientar. As funções subjacentes são muitas, variadas, incluindo-se no rol a função econômica, a ideológica, a educativa, a social, entre outras. “Mas o que diferencia de fato o jornalismo de outras atividades é o desempenho da tarefa informativa e orientativa”. (LIMA, 2004, p.11).

Neste trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica, que é a busca de um levantamento para um projeto de pesquisa a partir de referências publicadas, analisando e discutindo as contribuições culturais e científicas. Ela constitui uma excelente técnica para fornecer ao pesquisador a bagagem teórica, de conhecimento, e o treinamento científico que habilitam a produção de trabalhos originais e pertinentes.

Conforme ANDRADE (1997) “uma pesquisa bibliográfica pode ser desenvolvida como um trabalho em si mesmo ou constituir-se numa etapa de elaboração de monografias, dissertações, etc.”

A consulta de fontes consiste: na identificação das fontes documentais (documentos audiovisuais, documentos cartográficos e documentos textuais), na análise das fontes e no levantamento de informações (reconhecimento das ideias que dão conteúdo semântico ao documento).

A observação em campo também é considerada uma coleta de dados para conseguir informações sob determinados aspectos da realidade. Ela ajuda o pesquisador a “identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (LAKATOS, 1996:79).

Entrevista

A entrevista tornou-se técnica clássica de obtenção de informações nas ciências sociais, com larga adoção em áreas como sociologia, comunicação,

administração, educação e psicologia. Embora antes utilizada em jornalismo, psicologia e pesquisas de mercado e de opinião, seu surgimento como tema metodológico pode ser identificado na década de 1930 no âmbito das publicações de assistência social americana, recebendo grande contribuição na década de 1940. (DUARTE; BARROS, 2005).

O uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos. A entrevista está presente em pesquisas de comunicação interna, comportamento organizacional, levantamento históricos e biográficos, processos jornalísticos e em vários outros tipos de estudo, usada como base ou conjugada com diferentes técnicas, como observação, discussão em grupo e análise documental. (CURVELLO, SHIRATO, MARQUES DE MELO, PEREIRA JR. Apud DUARTE; BARROS, 2005).

Segundo Jorge Duarte, as entrevistas são classificadas com grande variedade de tipologias, geralmente caracterizadas como *abertas, semiabertas e fechadas*, originárias, respectivamente, de questões *não-estruturadas, semiestruturadas e estruturadas*. As abertas e semiabertas são do tipo em profundidade, que se caracterizam pela flexibilidade e por explorar ao máximo determinado tema, exigindo da fonte subordinação dinâmica ao entrevistado. A diferença entre abertas e semiabertas é simples, as abertas são realizadas a partir de um tema central, enquanto as semiabertas partem de um roteiro-base.

De qualquer forma para se obter uma boa entrevista, é necessário que o repórter se mostre interessado pelo entrevistado, pela história a ser contada e sempre ter a curiosidade de ir atrás das informações.

Neste trabalho foi utilizada a entrevista semiaberta com questões semiestruturadas, em que o desenvolvimento da entrevista vai se adaptando ao entrevistado. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. De acordo com CRUZ NETO (2008), a entrevista como parte de uma reportagem de televisão, pode ser classificada também como coletiva, ocasional e dialogal e de acordo com cada objetivo de uma determinada entrevista, pode ser ritual, em profundidade,

temática e testemunhal.

Para este trabalho foi utilizada a entrevista em profundidade, que é uma entrevista que tem como objetivo a figura do entrevistado, relacionando aspectos de sua vida ou da atividade que ele desenvolve.

É bom ressaltar que a maior dificuldade deste tipo de entrevista é que o pesquisador deve ter afiada capacidade de manter o foco e garantir a fluência e a naturalidade, além de ser flexível, exige habilidade para não perder-se no irrelevante ou torná-la uma conversa agradável, mas improdutiva. Muitas vezes, é realizada como sondagem para a elaboração de roteiros semiestruturados ou questionários estruturados.

Reportagem Perfil

Neste trabalho acadêmico o tipo de reportagem utilizada foi a de perfil que, segundo LIMA (2004), trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse.

A pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, simbolizando a realidade do grupo em questão.

Ao contrário da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para “condenar” a pessoa (que estaria pré-condenada) ou para glamorizá-la sensacionalisticamente. (MEDINA, 2004, p. 18)

Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida. A entrevista jornalística, em primeira instância, é uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular; por isso se vale, na maioria das circunstâncias, da fonte individualizada e lhe dá crédito sem preocupações científicas.

Capítulo 4. PRODUÇÃO E EDIÇÃO

Não há uma fórmula específica para a elaboração de um roteiro. Porém Serra diz em seu texto (1986, p. 35), “ao longo de nossa experiência produzindo, dirigindo, roteirizando e assistindo programas audiovisuais – tanto em slides, como em cinema e vídeo – percebemos que havia uma estrutura básica sobre a qual todos eles se assentavam”.

Os bons roteiristas e escritores através da experiência utilizam as palavras com um jeito especial dando vida a uma história estruturada com começo, meio e fim. Um bom roteiro deve conter linguagem objetiva, uma sequência lógica, discurso adequado, tempo adequado, espírito prático e realista.

O roteiro deve cumprir as três etapas que são fundamentais para que o produto final tenha qualidade e credibilidade. São elas: Pré-produção ou fase de planejamento, onde o roteirista escolhe o tema, define os objetivos e cria ações para os personagens. A produção consiste na pesquisa, desenvolvimento e execução do trabalho. Nessa fase é criado o corpo do roteiro com personagens, imagens, sons, efeitos especiais, etc.

Segundo Doc Comparato (1995), uma forma simples e direta de definir um roteiro seria: como a forma escrita de qualquer projeto audiovisual.

[...] “história contada em imagens, diálogo e descrição, dentro do contexto de uma estrutura dramática”. (FIELD, Syd apud Doc Comparato, p. 19, 1995)

Um roteiro deve possuir três aspectos fundamentais: *Logos* – é a palavra, o discurso, a organização verbal de um roteiro, sua estrutura geral; *Pathos* – é o drama, o dramático de uma história humana. É, portanto, a vida, a ação, o conflito cotidiano que vai gerando acontecimentos. *Ethos* – a ética, a moral, o significado último da história, as suas implicações sociais, políticas, existenciais e anímicas.

Foi utilizado como suporte o *Manual de Redação – Reportagem* da Universidade Metodista de São Paulo, que fica disponível na internet para o acesso livre de estudantes, repórteres e outros profissionais da comunicação.

A função do repórter é produzir a matéria. Deve preocupar-se com texto e imagem, casar as entrevistas com as informações disponíveis no texto e também

preocupar-se com postura, voz e aparência e não se esquecer de dividir todas as informações com a equipe para que todos saibam o objetivo da matéria.

Técnica

O relatório de reportagem deve ter:

Cabeça: Sempre rascunhe uma cabeça para a matéria. A primeira frase quase sempre é uma manchete, uma frase afirmativa. A segunda explica a afirmação e introduz o assunto.

Off: Texto feito pelo repórter com base nas imagens oferecidas pela equipe de reportagem.

Passagem: É o momento que o repórter aparece na matéria. É ela que dá credibilidade ao que está sendo veiculado. A passagem pode ser usada para descrever algo que não temos imagem, destacar uma informação dentre outras, unir duas situações, destacar um entrevistado ou criar uma passagem participativa.

Sonoras: São as entrevistas gravadas e para fazê-las é preciso, antes de qualquer coisa, tirar todas as dúvidas com o entrevistado. Fique alerta, pois neste momento o repórter cinematográfico irá gravar as imagens da entrevista e logo após o contraplano (imagem do repórter fazendo perguntas para o entrevistado).

GC: Termo técnico que indica os créditos de uma matéria na lauda.

Para a execução desse trabalho foram feitas entrevistas com dois membros que compõem o quadro de instrutores da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), com o presidente da Comissão de Arbitragem da Federação Paulista de Futebol e com a árbitra de futebol Regildênia e seus familiares. E enfim a pós-produção que é a fase de acabamento, onde a conclusão do roteiro se dá através da edição de áudio e imagens. De acordo com Serra (1986, p. 32), “manter-se fiel à sequência do roteiro, até onde e quando for possível. No caso citado, essa obediência seria natural, posto que o roteiro seguiu os passos comuns de uma visita a uma fábrica”. No caso em questão que envolve a pré-produção e

produção do trabalho, nossa visita foi feita de forma aleatória conforme o agendamento de gravação.

Como o objetivo deste trabalho é mostrar a rotina de uma árbitra de futebol, para a produção da grande reportagem televisiva, tivemos que realizar uma pesquisa de campo para identificar qual árbitra registrada na Federação Paulista de Futebol, na qual é a mais próxima de São José dos Campos, estaria em atividade e mais bem colocada no ranking da Federação. Portanto, obtivemos como resultado a árbitra Regildênia de Holanda Moura, que no início deste ano foi incorporada ao quadro internacional de arbitragem, o da FIFA. Viajamos até São Paulo para gravar imagens do treinamento dos árbitros que pertencem ao quadro nacional (CBF, Confederação Brasileira de Futebol). O evento teve duração de aproximadamente três horas e meia. A captação das imagens foi feita no estádio Nicolau Alayon, conhecido como campo do Nacional, onde produzimos planos de close, médio, passagens e sonoras. Usamos uma câmera T3i juntamente com um microfone bastão de propriedade da Univap. As despesas para a produção desse trabalho foram com alimentação e transporte. E ainda numa data posterior viajamos até São Bernardo do Campo para finalizarmos a captação de depoimentos com a árbitra Regildênia e seus familiares e alguns treinamentos físicos no Campo do Lavinia.

Importância do roteiro para a edição

Edição, em vídeo, corresponde à montagem no cinema. É mais simples e mais fácil, pois se usa a chamada ilha de edição, onde as imagens captadas são transportadas para o computador para que se possa iniciar a edição e conclusão do trabalho exibindo apenas a sequência do roteiro.

Na grande reportagem usamos cenas do filme “Homens de Honra”, onde podemos observar o preconceito com a cor negra envolvendo o personagem principal Carl Brashear que no filme entrou para a marinha a fim de realizar o sonho de ser mergulhador e fizemos uma comparação entre as duas profissões com “pessoas diferentes”, ou seja, um único negro na marinha e a mulher árbitra no futebol considerado por muitos o universo masculino. Utilizamos trilhas sonoras que estão relacionadas à cenas de preconceito e que lembram

desigualdade social. Trilha típica de forró nordestino para falar da cidade onde a árbitra Regildênia passou a infância e despertou o gosto pelo futebol e para encerramento da grande reportagem utilizamos a música “Ta Escrito” do Grupo Revelação, com a qual a árbitra Regildênia se identifica na vida e na carreira profissional. Os efeitos de câmera lenta e cortes de imagem foram utilizados para dar mais dinamismo e criatividade. Com esses efeitos estamos deixando a matéria mais informal. O objetivo é passar credibilidade, informação e comoção ao telespectador e fazer com que ele tenha mais interesse em saber a conclusão da história.

Nascida em Ouricuri, cidade do interior do Estado de Pernambuco, mudou-se quando ainda era criança para Juazeiro na Bahia onde despertou o gosto pelo futebol. Filha caçula de seis irmãos passou a maior parte da infância convivendo com o irmão mais novo, que sempre foi fanático pelo esporte. A arbitragem entrou na família através de seu irmão Eraldo, que começou a exercer a função em São Bernardo do Campo quando a família mudou-se para cidade.

O desejo pela arbitragem veio à tona quando Regildênia, acostumada a acompanhar os jogos apitados pelo seu irmão, decidiu fazer o curso de árbitros da Federação Paulista.

Foi dividida em duas etapas a gravação de imagens e entrevistas:

Primeiro dia

15/6/2012 às 9 horas – Estádio Nicolau Alayon em São Paulo.

Entrevistas: Regildênia de Holanda Moura, árbitra e personagem primário;

Roberto Perassi, instrutor de árbitros da CBF,

Silvia Regina de Oliveira, ex-árbitra e personagem secundário.

15/6/2012 às 15 horas – Prédio da Federação Paulista de Futebol em São Paulo.

Entrevista: Marcos Cabral Marinho de Moura (Coronel Marinho), presidente da comissão de arbitragem da FPF.

Segundo dia

31/8/2012 das 8 horas às 15 horas – Residência de familiares de Regildênia em Santo André, Sonoras

Entrevistas: Regildênia de Holanda Moura, árbitra e personagem primário;

Eraldo de Holanda Moura, irmão;

Mariana Moura Alcântara, sobrinha.

5. Considerações Finais

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi valioso a fim de mostrar a rotina de uma árbitra de futebol, os desafios que as mulheres enfrentam e suas principais metas para o futuro num mundo considerado extremamente machista e preconceituoso.

Para que esse trabalho progredisse contou com a participação e a colaboração da árbitra Regildênia de Holanda Moura, que mostrou as dificuldades que enfrentou para conseguir chegar ao quadro de árbitros da FIFA e a batalha que travou para nunca desistir dos seus sonhos. Sua história de vida contribuiu para melhor desenvolvimento da Grande Reportagem.

Hoje as mulheres apenas lutam por mais oportunidades, reconhecimento do trabalho e apoio da mídia. O espaço dentro das quatro linhas já pode ser considerado uma vitória.

Porém, a árbitra teve mais uma conquista na profissão que não pôde ser exibida na reportagem, pois ocorreu no prazo de entrega do trabalho, ser a única árbitra central do quadro da Federação Paulista de Futebol escalada para trabalhar em jogos do Campeonato Brasileiro Série A.

É evidente que estamos vivendo em uma época que, cada vez mais, mulheres conquistam cargos ou posições culturalmente masculinas, sem diminuir sua feminilidade. E são com estas conquistas que se finaliza o trabalho na expectativa de que essa história aqui contada crie raízes e realize muitos sonhos daquelas que lutam pelo reconhecimento profissional.

Não se pretende com este trabalho propor novas regras de treinamentos e testes para mulheres que ingressam na arbitragem, denunciar qualquer tipo de preconceito e tão pouco denunciar clubes e dirigentes de organizações e federações do futebol brasileiro. A proposta sempre foi a mesma, apresentar ao telespectador a rotina e dificuldades de uma profissional, que busca vencer os obstáculos de uma profissão vista pela sociedade como universo masculino.

6. Referências Bibliográficas

Regras do Jogo de Futebol 2010/2011- Publicação feita pela Confederação Brasileira de Futebol – CBF

RIBEIRO, Rubens. O caminho da bola – 100 anos de história da FPF – I Volume 1902/1952

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2005

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Técnicas de pesquisa*. 3^a edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

GUIRADO, Maria Cecilia. Reportagem: a arte da investigação. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Ed. rev. e atual, Barueri, SP, 2004.

ARONCHI de Souza, José Carlos. Gêneros e formatos na televisão brasileira. São Paulo : Summus, 2004.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

ANDRADE, Maria Margarida. Introdução à Metodologia do trabalho científico. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1997.

CRUZ NETO, João Elias da. Reportagem de televisão: como produzir, executar e editar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Comparato, Doc. Da criação ao roteiro. Ed. Ver. e atualizada, com exercícios práticos. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

Internet

Terceirotempo.bol.uol.com.br/quefimlevou_interna. Silvia Regina de Oliveira, ex-árbitra. Texto de Marcelo Rozenberg. Acessado em 3 de abril de 2012.

FRANZINI, Fábio. "*Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol*". Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328, 2005 (Artigo em PDF, acessado em 3 de abril de 2012)

GONÇALVES dos Reis, Prof. Dr. Fabio Pinto; ARRUDA, Prof. Ms. Ivan Eduardo de Abreu. "Mulher, futebol e arbitragem: um espaço de conquista, tensão e resistência". EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 16, Nº 162, Noviembre de 2011 (Artigo acessado em 9 de maio de 2012)

jornal.metodista.br/tele/manual/reportagem.htm. Manual de Redação – Reportagem. Produzido pela Prof.^a Heidy Vargas. Acessado em 30 de maio de 2012.

7. ANEXOS

Tema

A mulher no futebol

Título

A rotina de uma árbitra de futebol profissional.

Hipótese

Treinamento, dedicação, disciplina e a luta contra o preconceito são desafios para obter sucesso na carreira profissional.

Justificativa

As mulheres estão invadindo um espaço antes considerado “o universo masculino”, e com a mesma competência e habilidade das quais dispõem os homens, mas com detalhes que podem fazer muita diferença e trazer destaque perante a sociedade e no meio esportivo. O futebol chegou ao Brasil no dia 18 de fevereiro de 1894, trazido por Charles Miller, um brasileiro nascido no dia 24 de novembro de 1874. Aos nove anos de idade foi mandado à Inglaterra para estudar e lá aprendeu a jogar futebol, se tornou um dos melhores atletas da equipe de Southampton. Em 1894, retornou da Inglaterra trazendo duas bolas e a cabeça cheia de sonhos, suas ideias aos poucos foram se tornando realidade e hoje o futebol brasileiro ainda é considerado um dos melhores do mundo principalmente por jogadores jovens que se destacam e ganham a Europa antes de completarem a maioridade.

Desde a sua criação, o futebol era jogado, dirigido e discutido apenas por homens. Com as mudanças vieram a abertura para o futebol feminino e a arbitragem feminina com uma certa rejeição tanto para o meio do esporte quanto para a sociedade que passou por um longo processo de aceitação.

Hoje as mulheres apenas lutam por mais oportunidades, reconhecimento do trabalho e apoio da mídia. O espaço dentro das quatro linhas já pode ser considerado uma grande conquista.

Objetivos

Objetivo Geral:

Conhecer o dia-a-dia e o trabalho de uma árbitra de futebol dentro e fora do campo de jogo.

Objetivo Específico:

Através da pesquisa, elaborar uma grande reportagem televisiva sobre a rotina e desafios tanto no preconceito quanto nos treinamentos de uma árbitra profissional.

Pauta 1

Data: 15/6/2012

Horário: 9 horas

Local: Estádio Nicolau Alayon, São Paulo – SP

Evento: Treinamento prático com árbitros e instrutores da CBF

Grande Reportagem: A rotina de uma árbitra de futebol profissional

As mulheres estão invadindo um espaço antes considerado “o universo masculino”, e com a mesma competência e habilidade das quais dispõem os homens, mas com detalhes que podem fazer muita diferença e trazer destaque perante a sociedade e no meio esportivo.

Encaminhamento:

Silvia Regina de Oliveira foi árbitra do quadro da Federação Paulista de Futebol. Começou a atuar em 1980, quando realizou um curso na liga de Futebol de Mauá. Dois anos depois, apitou sua primeira partida.

Ainda na década de 1980, fez o curso de formação de novos árbitros da Federação Paulista de Futebol. Em 1997, passou a integrar o quadro de árbitros oficiais de São Paulo. No entanto, apenas em 2002 passou a dirigir partidas profissionais de homens. Em 2007, abandonou o apito aos 42 anos. Na ocasião, afirmou que havia chegado seu limite de idade.

Fonte: Terceirotempo.bol.uol.com.br/quefimlevou_interna. Silvia Regina de Oliveira, ex-árbitra. Texto de Marcelo Rozenberg. Acessado em 3 de abril de 2012.

Personagem: Silvia Regina de Oliveira, ex-árbitra de futebol e atualmente instrutora de árbitros da CBF

Perguntas:

- O SURGIMENTO DO FUTEBOL NA INFÂNCIA
- SOBRE SUA CARREIRA NO FUTEBOL
- DESTACAR OS PRECONCEITOS QUE ELA TEVE
- QUAIS OS CONSELHOS E DICAS PARA AS FUTURAS ÁRBITRAS

Pauta 2

Data: 15/6/2012

Horário: 9 horas

Local: Estádio Nicolau Alayon, São Paulo – SP

Evento: Treinamento prático com árbitros e instrutores da CBF

Grande Reportagem: A rotina de uma árbitra de futebol profissional

As mulheres estão invadindo um espaço antes considerado “o universo masculino”, e com a mesma competência e habilidade das quais dispõem os homens, mas com detalhes que podem fazer muita diferença e trazer destaque perante a sociedade e no meio esportivo.

Encaminhamento:

Regildênia atua como árbitra central desde 2004. Regildênia com uma carreira mais curta, já apitou a final da Copa do Brasil Feminina de 2009 e o jogo entre Brasil e Itália, válido pelo Torneio Internacional Feminino Cidade de São Paulo.

Regildênia destacou o crescimento da arbitragem feminina. “No Brasil o número de árbitras está aumentando aos poucos, e um dos pontos positivos é o fato de que as competições da FIFA de futebol feminino exigem que o quadro de arbitragem também seja feminino”.

A arbitragem feminina ainda é vista com desconfiança, mas para Regildênia isso está mudando. “Por ser mulher tudo se torna mais difícil, mas estamos provando que também somos capazes”.

Fonte: Jean Ceccon/ Daiane Nogoceke Coordenação de Imprensa – COL Imprensasub20@gmail.com
<http://sulamericanafemininacuritiba2012.com/2012/01/17/instrutora-de-arbitragem-silvia-regina-ja-esta-em-curitiba/#more-216>

Links:

<http://www.youtube.com/watch?v=pq3o9QHxTDo> - **Regildênia Moura - Manhã Gazeta (TV Gazeta)**

<http://www.youtube.com/watch?v=Gy8evK1j8JU&feature=relmfu> - **Regildênia Moura - Mulheres presentes no mundo do futebol (SBT)**

<http://www.youtube.com/watch?v=ZkW55H6MFal&feature=relmfu> - **Regildênia Moura - 1º Tempo Band Sports 1ª parte**

Personagem principal: Regildênia de Holanda Moura, árbitra de futebol. Em 2012 entra para o quadro internacional de arbitragem

Perguntas:

- COMO SURTIU ESSE DESEJO PELO FUTEBOL?
- REGILDENIA O QUE VOCÊ COME PELA MANHÃ, PARA TE AJUDAR NOS TREINAMENTOS?
- NORMALMENTE NOS FINAIS DE SEMANA É TUDO LIBERADO PARA COMER E BEBER, MAS A MAIORIA DOS JOGOS ACONTECE NESSES DIAS, VOCÊ MANTÉM A ALIMENTAÇÃO DA SEMANA? E QUANDO VOCÊ SAI DESSA ROTINA ALIMENTAR?

Pauta 3

Data: 15/6/2012

Horário: 9 horas

Local: Estádio Nicolau Alayon, São Paulo – SP

Evento: Treinamento prático com árbitros e instrutores da CBF

Grande Reportagem: A rotina de uma árbitra de futebol profissional

As mulheres estão invadindo um espaço antes considerado “o universo masculino”, e com a mesma competência e habilidade das quais dispõem os homens, mas com detalhes que podem fazer muita diferença e trazer destaque perante a sociedade e no meio esportivo.

Encaminhamento:

O ex-árbitro Roberto Perassi nasceu em São Paulo no dia 16 de fevereiro de 1962. Aos 17 anos, teve sua primeira ligação com a arbitragem, ao se inscrever no curso da Associação Profissional de Árbitros do Estado de São Paulo. Começou a apitar partidas amadoras até que em 1984, fez o curso da Federação Paulista de Futebol, permitido naquela época apenas a maiores de 21 anos.

“Como naquele tempo não tínhamos muita gente interessada em apitar, quem saía do curso logo recebia a incumbência de conduzir partidas das categorias de base e amadoras”. Em 1985 trabalhou pela primeira vez em um jogo profissional, Guararapes e Paulista de Nhandeara, pelo Campeonato Paulista da Terceira Divisão. Em 1990, estreou na primeira divisão do Paulistão em um Botafogo de Ribeirão Preto e União São João.

Perassi tem sua vida profissional praticamente toda ligada à arbitragem. Desde 1999, quando parou de apitar, trabalha na Federação Paulista de Futebol. Inicialmente na comissão de Arbitragem e depois na função de diretor da Escola de Árbitros, que exerce até hoje. Atua também como inspetor de arbitragem da Conmebol e da CBF, e delegado de partidas da Federação Paulista de Futebol. Paralelamente, ministra aulas de língua portuguesa e literatura em escolas do Estado.

Fonte: <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/quefimlevou/qfl/sobre/roberto-perassi-3580.html>. Texto de Marcelo Rozemberg. Acessado em 3 de abril de 2012

Personagem: Roberto Perassi, ex-árbitro de futebol e atualmente instrutor de árbitros da CBF

Perguntas:

- ROBERTO QUAL A DIFERENÇA DOS TESTES E DO TREINAMENTO FÍSICO DAS MULHERES E PARA OS HOMENS QUE APITAM?
- AMBOS SÃO AVALIADOS DA MESMA FORMA?

Pauta 4

Data: 15/6/2012

Horário: 15 horas

Local: Prédio da Federação Paulista de Futebol – São Paulo

Evento: Treinamento prático com árbitros e instrutores da CBF

Grande Reportagem: A rotina de uma árbitra de futebol profissional

As mulheres estão invadindo um espaço antes considerado “o universo masculino”, e com a mesma competência e habilidade das quais dispõem os homens, mas com detalhes que podem fazer muita diferença e trazer destaque perante a sociedade e no meio esportivo.

Encaminhamento:

Em outubro de 2005, o Tenente-Coronel Marcos Cabral Marinho de Moura assumiu a presidência da Comissão Estadual de Arbitragem com a intenção de realizar modificações na arbitragem do Estado de São Paulo. Figura conhecida dos amantes do futebol, Cel. Marinho é também membro da Comissão Nacional de Prevenção da Violência para a Segurança dos Espetáculos Esportivos – Comissão Paz no Esporte.

O coronel Marinho, hoje oficial da reserva, depois de 30 anos de serviços prestado à corporação da Polícia Militar, desde outubro de 2005, trocou o comando do Segundo Batalhão de Choque da Polícia Militar do Estado, para chefiar o quadro de árbitros da principal federação do país. Antes de se tornar o responsável pela arbitragem da FPF, Marinho comandou o policiamento nos estádios de futebol do Estado por 17 anos.

Fonte: <http://universidadedofutebol.com.br/2006/04/4,2206,+CORONEL+MARCOS+MARINHO.aspx>

Personagem: Marcos Cabral Marinho de Moura (Coronel Marinho), presidente da comissão de arbitragem do Estado de São Paulo

Perguntas:

- CURSO DE ARBITRAGEM E DA PORCENTAGEM DE MULHERES QUE PROCURAM.
- QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE AS MULHERES QUE SE INTERESSAM PELA ARBITRAGEM?
- OS CLUBES JÁ ACEITAM SEUS JOGOS APITADOS POR MULHERES OU AINDA HÁ PRECONCEITO?

Cronograma

	NOV	DEZ	JAN 2012	FEV	MA R	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
Elaboração do Tema	X	X											
Problema e Justificativa	X	X											
Pesquisa Bibliográfica	X	X	X										
Coleta de Dados			X	X	X								
Elaboração do Projeto Escrito		X		X	X	X							
Captar os entrevistados					X	X	X	X					
Desenvolver o Projeto Audiovisual							X	X	X				
Edição										X	X	X	
Apresentação													X

ROTEIRO DA GRANDE REPORTAGEM:
ARQUIVO EM PDF SEPARADAMENTE NO CD

TERMOS DE AUTORIZAÇÃO:
NO EXEMPLAR DO RELATÓRIO FINAL

FICHAS DE AVALIAÇÕES:
NO EXEMPLAR DO RELATÓRIO FINAL